
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Revista
Didática Sistemática

SEMESTRAL

ISSN: 1809-3108

ORALIDADE E ESCRITA, OU BLAU NUNES COMO O NARRADOR

Maicon Dourado Bravo¹

RESUMO

A obra “Contos Gauchescos”, de Simões Lopes Neto, é narrada por Blau Nunes, homem velho, vivido, viajado, experiente, que através de seus relatos contextualiza o leitor, como se fosse um ouvinte, no conjunto de casos dos quais foi testemunha ocular. A relação de tomar emprestada da cultura popular oral o material de seus “Contos Gauchescos”, entre outras obras, e apresentá-lo remodelado em forma escrita, mas carregando em si a figura do narrador transmissor da sabedoria, é objeto de reflexão deste artigo.

Palavras-chave: Simões Lopes Neto, Oralidade, Regionalismo, Narrador

ABSTRACT

The title “Contos Gauchescos”, from Simões Lopes Neto, its narrated by Blau Nunes, old man, lived, traveled, experienced, that through his reports arranges in the context the reader, as being a listener, in the collection of cases from which was eyewitness. The relation of borrow from the oral folklore the his “Contos Gauchescos” stuff, among others titles, and present it reshaped in the writed form, however charging the figure of the storyteller wisdom’s transmitter, its the object of reflexion from this article.

Keywords: Simões Lopes Neto, Orality, Regionalism, Storyteller.

¹ Pós-graduado em História do Rio Grande do Sul: Sociedade, Política & Cultura. Bacharel e Licenciado em História pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande – RS.

Introdução

“Patrício, apresento-te Blau, o vaqueano”. Desta forma inicia sua obra, “Contos Gauchescos”, Simões Lopes Neto, trazendo a presença do Velho Blau Nunes, numa roda de chimarrão, num galpão ou num boliche, o leitor, transformado agora em ouvinte. Rompendo barreiras naturais, muito provavelmente Simões Lopes retira-o da cova, ou o traz de algum outro lugar muito distante, pois que tornou-se o “saudoso Blau!”

Descrevendo a personagem em aspectos gerais ele revela um pouco de suas andanças, e deixa transparecer um pouco da vasta diversidade de experiências da qual é portador Blau Nunes. De todas suas andanças, vivências e convivências “[...] ficou estendida uma longa estrada semeada de recordações [...] que de vez em quando o vaqueano recontava, como quem estende ao sol, para arejar, roupas guardadas ao fundo de uma arca”.

Blau Nunes seria, então, a testemunha ocular de feitos incríveis, e ao mesmo tempo críveis, pois ele os testemunhou e não teria ele o porquê mentir. Ou a mentira faria parte da mística do caso contado, o mito necessário à narrativa e odiado pela informação? Embora o fato de haver visto tudo aquilo que conta servir de atestado à veracidade do que é contado, não é sua meta, nem a meta de qualquer narrador ser exato e preciso com relação ao acontecimento dos fatos. Se o leitor/ouvinte buscasse informação sobre a chacina da carreira grande, ou a tragédia da tapera do Mariano, a melhor fonte à qual deveria recorrer não seria Blau Nunes, mas a algum jornal que circulasse por alguma região do estado.

Tudo o que conta Blau passa por seu juízo de valores, é subjetivado, parcial, pois contado de seu ponto de vista. Mas como toda boa narrativa, ela vem permeada pela sabedoria desse velho, que em todo caso contado busca passar algum conselho, compartilhando sua experiência com o leitor/ouvinte. Também, como toda boa narrativa, as de Blau não são auto-explicativas. O máximo que ele consegue obter do que viu na carreira grande onde o negro Bonifácio combateu tantos, foram conjecturas acerca do porquê Tudinha ter se relacionado com ele, e esta liberdade de interpretação subjaz em todos os seus casos, caracterizando a narrativa como autêntica.

No entanto, apesar de narrador que reconstrói o passado e externaliza a reminiscência através da linguagem, Blau Nunes é criatura, e não criador. Este papel é relegado a Simões Lopes Neto, que utiliza o conhecimento popular, a tradição oral, para dar vida e substância à personagem. Blau Nunes, então, é o ícone de toda uma cultura passada de boca a ouvido pelos grupos de trabalhadores do campo, de famílias camponesas ou de peões, dos casos

legendários que permeiam qualquer um e todos os lugares em que se dê a presença humana. Histórias e mitos que dispensam verificação, pois gozam da autoridade adquirida por aquele que a conta sempre como testemunha ocular, mesmo a tendo ouvido de outrem.

Simões Lopes absorve o matiz dessa tradição oral, da qual os velhos são os melhores referenciais – por isso Blau ser velho –, a verte em escrita, mas a expressa em oralidade novamente, como que procurando devolver à forma original aquilo que foi cristalizado quando escrito. Contudo diferenças significativas demarcam os campos da linguagem oral e da linguagem escrita.

1. Linguagem Oral e Linguagem Escrita

A escrita é imprescindível para a duração, para a permanência, e para a cristalização do estado caótico e em constante mudança de conteúdo da linguagem oral. Só ela pode tornar concreto o que é efêmero, porque em constante processo de repensamento, natural do espírito humano.

O caso, dentro do contexto em que refletimos, no oral adapta-se, transforma-se, assume características particulares de narrador para narrador, conforme os aspectos que tal ou qual narrador julga mais ou menos relevantes naquele momento de sua vida². Nunca se conseguirá ouvir duas narrativas exatamente iguais vindas de dois narradores diferentes – aliás, nunca se conseguirá ouvir duas narrativas iguais do mesmo narrador em tempos diferentes. Ela foi ouvida e apreendida, subjetivada e significada pelo indivíduo de acordo com sua experiência, que será obviamente diferente da experiência de qualquer outro indivíduo.

Como iria, por exemplo, um narrador contar um caso que se passa numa praia do litoral se não conhece o litoral? Certamente diferiria da narrativa de um outro que sempre viveu na praia. Os aspectos destacados por um seriam diferentes do que interessaria ser contado pelo outro. Então a experiência enquanto subsidiária da memória, fonte para a narrativa, está sempre se atualizando, porque o indivíduo está vivendo. Se o narrador que não

² “Em estado de oralidade, a memória é sempre dinâmica e mutável, sujeita às vicissitudes das circunstâncias. Sempre mudamos nossa forma de recordar e montamos esquemas narrativos dependentes de fatores externos a nós mesmos” (Meihy, 2005, p.77). Ou seja, o presente exerce sua influência na memória, modelando a lembrança conforme a atual experiência do indivíduo. Pode-se afirmar, com relação ao caso, que o narrador procura dar sentido ao lembrado e narrado a partir do contexto presente, destacando pontos que tenham relevância no tempo atual. Por isso o caráter mutável da memória. Sobre isso Ecléa Bosi destaca que “Bergson afirma que é ‘do presente que parte o chamado ao qual a lembrança responde’” (2006, p.48). Conta-se algo agora, recorrendo-se ao antes vivido e experimentado ou ouvido e imaginado.

conhecia o mar passar a conhecê-lo, modificará sua narrativa, pois agora poderá precisar melhor o local onde se passa o lembrado³.

Assim, a linguagem oral permite a fácil transformação do caso, pois que ao passar de boca a ouvido é assimilado e significado pelo atual portador e próximo narrador. O caso acaba por inevitavelmente sofrer mudanças porque encontra-se inscrito na plasticidade da memória. Muda, e mudando pode assumir significados antes não existentes: transforma-se então em mito⁴.

Diferente do que ocorre com a linguagem escrita, tida como reprodutível e comprovável. Esta pode ser reproduzida fidedignamente, mantendo-se a estrutura original, privando o tempo, e a subjetividade, de influírem na sua reprodução. Se o oral é caótico e mutável, o escrito é ordenado e estático⁵. Independe dos estados mentais do narrador, pois ela é concreta e tangível, e o presente é uma constante em sua transmissão. No entanto, o interlocutor ainda continua sujeito a transformações, sendo afetado pela experiência e pelo vivido, tanto que a leitura que se realiza de um conto ou romance na juventude assume diferentes aspectos, revela diferentes facetas quando relido na idade adulta⁶.

Este aspecto permanente da linguagem escrita acabou por relegar-lhe foros de verdade e com sua expansão a oralidade acabou recebendo o estigma de não conter bases objetivas

³ Quem lembra algo, lembra algo em algum lugar. Joël Candau explica melhor quando afirma que “[...] *el orador primero define un itinerario a partir de una serie de lugares arquitecturales, ficticios o reales; luego de aprender de memoria este itinerario, fabrica imágenes de las informaciones que va a memorizar y las ubica en los diferentes lugares del itinerario, asimilados metafóricamente a tablillas de cera; las imágenes se disponen de tal modo que el orden del discurso y el de los lugares se confunden y, entonces, el recorrido (mental) del itinerario provoca la reminiscencia*” (2002, p.37)

⁴ Conforme Carlos Rodrigues Brandão, em “Memória Sertão”, “em seu sentido primitivo e, com o passar do tempo, perdido e relativamente desqualificado, dizer o mito era narrar o que se sabe: dizer a lembrança. [...] Aquilo que, sem ler do escrito, eles lembram e sabem, por lembrar as lembranças do que compartilham. Quando uma memória erudita lê o que escreveu e começa a contar o que pode ser comprovado, porque pode ser relido e não apenas lembrado do que se sabe ou do que se contou, o *logos* aos poucos expulsa o mito para o reino da ficção” (1998, p.36). Ou seja, o caso contado pode assumir aspectos maravilhosos ou permanecer mundano, ser tocado pelo sagrado ou guardar toda a sua profanidade, mas não pode ser mantido cristalizado e concreto, não pode ser relido na íntegra, com todos os seus pontos e vírgulas, sem a ação de influências subjetivas e transformações naturais, sendo por isso classificado como mito.

⁵ Diferenças tanto de forma quanto de conteúdo demarcam bem estes dois campos de linguagem. Caos e ordem, mutação e estase não referem-se apenas a uma destas dimensões. Se o conteúdo modifica-se passando de narrador a narrador e permanece inalterada no escrito, a forma entre uma e outra também apresenta distanciamento. Paul Thompson afirma que “[...] o ritmo e o tom da fala são completamente diferentes dos da prosa. Importante também é que a fala viva irá rodeando, se aprofundará em coisas irrelevantes, e voltará ao tema depois de frases inacabadas. A prosa eficiente, ao contrário, é sistemática, relevante e seca” (1992, p.294).

⁶ Sobre isso Eclea Bosi coloca que “[...] se é verdade que cada ato perceptual é um ato presente, uma relação atual do organismo com o ambiente, é também verdade que cada ato de percepção é um novo ato” (2006, p.45). Se novo, o ato perceptivo avança sempre, deixando para trás como que quadros de um filme que não tornam a se repetir na ação, apenas na contemplação, quando o indivíduo recria mentalmente o que experimentou e lembra.

para comprovação⁷. Para além da documentalidade da linguagem escrita e de sua eterna reprodução integral está a impressão de imparcialidade que a linguagem escrita clama para si. Por conseguir bloquear a influência subjetiva de sua reprodução, o texto escrito considera-se objetivo, retrato, ou relato, fiel ao que representa. Contudo, o que geralmente se esquece é que o documento escrito, mesmo sendo o único testemunho que restou de épocas remotas, também foi o resultado da reprodução humana e que suas parcialidade e subjetividade são tais quais as da linguagem oral. Se uma pessoa é capaz de distorcer um caso para destacar aspectos que sejam relevantes em estado oral, o mesmo pode ser feito em linguagem escrita, bastam ser conservadas as diferenças de forma.

Temos então que ambas linguagens fluem, se interpenetram e se relacionam, sendo que versões de uma para outra são viáveis e, mais do que isso, comuns. A concretização da linguagem oral interrompe seu fluxo contínuo de transformação e a coloca em moldes estáticos e lógicos, compreensíveis ao leitor de forma diversa da que é compreensível ao ouvinte. Por outro lado, a inspiração e apropriação do escrito pelo oral devolve à vida aquilo que havia sido imortalizado, sofrendo as naturais mutações que se realizam no interior da mente absorvente do narrador.

A linguagem oral, por não necessitar de ferramentas ou conhecimentos – apenas a fala e o saber ouvir –, é acessível a todo ser humano, é comum tanto ao nobre quanto ao mendigo, homem, mulher, jovem ou velho, é congregadora e social, e o narrador, enquanto agente comunicador da linguagem oral, transforma-se no portador da sabedoria. Sabedoria que nesse caso provém da experiência, do vivido, do visto e do ouvido, do sentido, da interação do homem com o meio, lembrada e externalizada por aquele que conta. Quanto mais exposto à vida, quanto mais viajado ou quanto melhor conhece o lugar, tanto melhor o narrador, mais histórias tem a contar, mais sabedoria a transmitir. Blau Nunes é um narrador.

2. Blau Nunes como o Narrador

⁷ Pode-se recorrer a Meihy para explicitar tal afirmação, pois segundo ele “a oralidade, ainda que comum a todos os circuitos sociais, ficou relegada, cada vez mais, à informalidade e, em resultado disso, sua consideração como motivo de análise passou a ser menor. [...] O longo curso dessa imposição facilitou os mecanismos de poder que se estabeleceram, fazendo, por exemplo, com que em muitos casos os analfabetos não pudessem sequer votar”. E continua dizendo que “ainda que na antiguidade Platão houvesse pontificado que ‘o triunfo da escrita’ significava ‘a morte da memória’, foi a grafia que venceu e determinou, gradativamente, um rebaixamento do prestígio e do significado da palavra falada” (2005, p.97-8). Tamanha é a significância desta afirmação que se lê em “História da Literatura Brasileira” de Lúcia Miguel Pereira a expressão “meros narradores” (1973, p.211). Tal autora reconhece na obra literária escrita a arte, enquanto que os contadores de anedotas resumem-se a não ter nenhuma outra significação além do pitoresco.

Ao tomar contato com a obra de Simões Lopes Neto, “Contos Gauchescos”, e ser introduzido a Blau Nunes, o leitor/ouvinte depara-se com o narrador no sentido que Walter Benjamin refere-se em seu “O Narrador”. Para ele: “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (1994, p.198).

Blau Nunes se vale da experiência acumulada, por ele e por outros, para formar sua narrativa. Quando ouve de Juca Picumã o destino para todos os vencimentos de seu trabalho, quando repete a feita do índio Reduzo ouvida de outros, quando demonstra a necessidade do casamento e as expulsões do cadete Vieira, ou quando decide-se por ensinar “[...] o que os doutores nunca hão de ensinar-lhe por mais que queimem as pestanas deletando nos seus livros [...]”, ele se vale da vida e do conhecimento de muitas outras pessoas, conhecimento acumulado durante a vida, memorizado, lembrado e transmitido, reproduzido.

Do convívio, do tempo passado em companhia seja do imperador, o qual julgou meio maricas, de seu padrinho, o qual viu morto ao lado de Hilarião no campo de batalha, ou de João Cardoso, que gritava ao seu empregado para trazer o mate, Blau Nunes retirou o estofado de seus casos.

Assim, ele vem de lugar em lugar adicionando conteúdo à sua bagagem narrativa, de pouso em pouso, ampliando, intercomunicando, ouvindo e falando de histórias maravilhosas e mundanas as quais possui, porque assimiladas em sua subjetividade. Blau seria o “marinheiro comerciante”⁸, ou o vaqueano, tapejara, aquele que traz informações e conhecimento de outro tempo, de outro lugar.

Reconhece, inclusive, que vive num mundo em transição, onde os valores de outrora começam a dar lugar a novos valores, onde a nostalgia da reminiscência provoca o choro, um mundo que não é mais o seu – está alijado da propriedade sobre ele, relegado à contemplação pois não mais serve para a ação⁹. Embora esteja em perfeita saúde física e psicológica, para “desempenado arcabouço de oitenta e oito anos”, ele não mais serve para o duro trabalho de peão, que exige rijeza e maestria destra. Quando as falhas começaram a se tornar cada vez

⁸ Benjamin (1994, p.198) identifica dois tipos de narradores, representados pelo “camponês sedentário” e pelo “marinheiro comerciante”. Um teria o domínio da narrativa por conhecer muito bem o local onde vive, sua cultura e tradições; o outro, por suas viagens e andanças, acabaria por ser exposto às mais variadas situações e paisagens. Este é o caso de Blau Nunes.

⁹ Muito relevante sobre a vida ativa e a vida contemplativa é a obra de Ecléa Bosi. Para ela “[...] o velho carrega em si, mais fortemente, tanto a possibilidade de evocar quanto o mecanismo da memória, que já se fez prática motora. O velho típico já não aprenderia mais nada, pois sua vida psicológica já estaria presa a hábitos adquiridos, inveterados; e, em compensação, nos longos momentos de inação, poderia perder-se nas imagens-lembrança” (2006, p.49).

mais frequentes, Blau teve de se afastar, se não foi retirado, da vida campeira, tornando-se um narrador.

Agora ele exerce um papel de importância social diferenciada, seu status mudou. Ele já não pode gerar a riqueza, moldar o mundo como fizera em jovem, mas tornou-se o portador de um conhecimento apenas dominado por aqueles que conseguiram alcançar a velhice: nem o negro Bonifácio, nem Maria Altina, nem Chicão, nem Rosa, nem o general José de Abreu, nem Lalica, nem Osoro, nem Binga Cruz serão os sujeitos de suas histórias; serão todos eles objetos dos casos de Blau Nunes, que logrou alcançar a invejável marca dos oitenta e oito e tornou-se, por merecimento e aptidão, o mantenedor e transmissor do conhecimento.

[...]A natureza da verdadeira narrativa [...] tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. (Benjamin, 1994, p.200)

A narrativa de Blau encaixa-se facilmente nesta colocação de Benjamin. Encontram-se ensinamentos morais, como no caso da honra disputada entre dois oficiais farrapos pela atenção de uma mulher, ou no caso de Juca Guerra que enfrentou o touro para salvar um amigo, sacrificando o cavalo no processo; sugestões práticas, quando explica o jogo do osso, ou ensina o que é um ligar, ou ainda, quando justifica o atual contrabando localizando suas origens nos feitos passados de Jango Jorge; provérbios, ao afirmar que “Jerivá torto não dá ripa”, e que “Sabe lá quando reiúno inveja a sorte da gente...”; e normas de vida, tomando os Artigos de Fé do Gaúcho como diretrizes para a vivência e convivência.

Blau transforma em experiência do leitor/ouvinte a sua própria experiência, aprendida “[...] à sua custa, quase sempre já tarde pra um proveito melhor”. Sua sabedoria é compartilhada porque, reconhecendo-se perto da morte e julgando começar a perder a memória dadivosa, pretende preservar os costumes e tradições que o constituíram, e reconhece neles a base para a formação da geração vindoura. Como qualquer pessoa, ele quer, apesar de temer as mudanças, permanecer no mundo, legar aos que virão um mundo alicerçado na tradição do que sua geração construiu. Chora e sente a garganta fechar, o peito apertar de saudades. Lembra e conta, transmitindo conselhos, externalizando sua sabedoria.

O leitor/ouvinte é poupado de explicações¹⁰, e o máximo que se obtém são conjecturas acerca do porquê Tudinha atacou Bonifácio “[...] como quem espicaça uma cruzeira numa toca [...]”, de onde andaria Binga Cruz, se estaria vivo ou morto, e a expectativa de sua volta para dar uma lição no padre gringo. No mais ficam as incógnitas do ato de Mariano ao atirar-se no manancial após acertar com um tiro o ombro de Chicão, do segundo verso de Reduzo que deixou em pânico sia Talapa após tê-la acalmado com o primeiro, da intervenção do Menino Jesus no ataque a nhã Velinda. Tais narrativas dão margem à livre interpretação e à assimilação subjetiva do narrado, tornando apto o ouvinte a reproduzir, conforme suas preferências e a relativização dos contextos nos quais encontram eco dentro de suas experiências pessoais, o caso. Certamente Blau Nunes valorizou aspectos da narrativa que lhe fazem sentido e desfavoreceu outros, pois dentro de seu sistema de valores o enfrentamento de um touro bravo é considerado muito mais letal que o afogamento, e assim os transmitiu.

Walter Benjamin explica que:

Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia”. (1994, p.204)

Assim, Blau Nunes, como narrador, pretende preservar os casos e preservar sua memória nas memórias dos leitores/ouvintes. Ao ser recontado, o caso se eterniza e se reproduz, mantém-se em atividade e sua plasticidade é sua marca enquanto vai passando de narrador a receptor, que por sua vez torna-se narrador ao julgar-se detentor daquele caso. Contudo se faz necessário manter em mente que Blau é criatura, e todos os méritos dos quais é merecedor enquanto narrador devem estender-se a Simões Lopes Neto, seu criador.

3. A obra de Simões Lopes Neto em relação à Oralidade

“Contos Gauchescos”, conforme Maria Eunice Moreira (1982, p. 114), juntamente com “Casos de Romualdo”, ambos de Simões Lopes Neto, “[...]são tentativas de romper com o modelo estabelecido” dentro do regionalismo gaúcho¹¹. Diversos aspectos apontam para essa distinção entre as obras, e mais especificamente “Contos Gauchescos” no nosso caso, e o conjunto da literatura regionalista rio-grandense.

¹⁰ Walter Benjamin é bastante claro ao destacar que “[...] o extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação”. (p.203)

¹¹ Para Maria Eunice Moreira “num sentido amplo, considerar-se-ia regional toda obra que, intencionalmente ou não traduzisse peculiaridades locais de uma de uma determinada região. [...] Em outras palavras, o elemento *local* seria o critério para sua determinação” (1982, p.9).

[...] Enquanto a maior parte dos livros não se situa na esfera propriamente do conto, as duas obras citadas possuem tal característica. Enquanto o modelo tende mais à estaticidade, descreve coisas, utilizando-se de foco externo, as narrativas de Simões Lopes possuem características diversas: são dinâmicas, narram acontecimentos, utilizam-se do foco interno, constituindo-se em verdadeiro processo”. (Moreira, 1982, p.114)

As propostas de Simões Lopes Neto colocam-no numa posição em que acaba por distinguir-se das características mais básicas do regionalismo gaúcho, embora ainda permaneça dentro do grupo. O dialeto, o hábito e a paisagem são específicas a determinado local, e embora se considere que a narrativa de “Contos Gauchescos” não se encerre em uma área delimitada ou reduzida, ela ainda diz respeito ao Rio Grande do Sul enquanto espaço do gaúcho, do tapejara e do guasca.

Outro ponto que distingue Simões Lopes é o uso da primeira pessoa na narrativa. “[...] Seus textos, em primeira pessoa, ao contrário da terceira, fogem à regra e dão um cunho de veracidade às narrativas [...]” (Moreira, 1982, p.115). O recurso à primeira pessoa acaba por evocar mais do que veracidade à realização da narrativa. Ela imerge o leitor/ouvinte no ambiente em que se dá a narrativa, como se ali, ao lado do narrador, estivesse.

“— Está vendo aquele umbu, lá em baixo, à direita do coxilhão?”, pergunta Blau ao leitor/ouvinte, esperando que percebesse a árvore para depois contextualizá-lo do que aconteceu na tapera do Mariano.

“— Vancê está se rindo e fazendo pouco?... É porquê vancê não é daquele tempo...”, alega Blau ao perceber que o leitor/ouvinte poderia estar achando graça à crítica que ele faz ao ilhéu e se cospe enquanto fala.

E inúmeras outras passagens guardam a interlocução de Blau com o ouvinte, o patrãozinho, mais novo e melhor arranjado, pois tem acesso ao livro. E nessa imersão Simões Lopes buscou recriar o contexto narrativo que permite a Blau Nunes guiar a atenção do leitor/ouvinte. A referência à paisagem denota isso, e por muitas vezes percebe-se que não se está lendo/ouvindo a narrativa parados, mas em movimento, andando a cavalo, pois que ele reconhece o índio Reduzo e recomenda ao leitor/ouvinte que fume um cigarro enquanto dá “dois dedos de prosa àquele andante”.

Não apenas a primeira pessoa torna singular os “Contos Gauchescos”, mas a aproximação à narrativa oral. Seja pelo sotaque e dialeto que demarcam bem o espaço ao qual pertence o narrador, que por seus inúmeros termos coloca em desarmonia o leitor/ouvinte que não compartilha deste código. Seja pela não-linearidade narrativa, que por vários momentos quase perde o fio da meada e se desvirtua, não indo direto ao ponto mas cercado o tema,

falando sobre assuntos que surgem conforme a narrativa se desenvolve. “Onde é mesmo que eu estava? Ah...” e retoma o caso de onde havia parado. Por vezes percebe que se alonga por temas secundários: “Parece que eu estou lhe enredando o rastro, mas não ‘stou, não; vancê escute”.

Esta forma que tenta reproduzir a linguagem oral, então, seria uma forma de devolver aos moldes originais a inspiração de seus casos. “Achados assim, de legítima inspiração popular, que não eivam nem a busca voluntária do pitoresco nem o sentimentalismo dulçoroso, são comuns nos *Contos Gauchescos*” (Pereira, 1973, p.214). Simões Lopes recria um narrador, dá a ele o conteúdo e a linguagem populares, e pede para que o leitor/ouvinte o escute. Blau fala através das palavras de Simões Lopes, que absorvendo os casos transmitidos oralmente e tradicionalmente entre os narradores populares, os cristaliza na escrita, tendo o cuidado de aproximá-los de sua linguagem original, prestando atenção em detalhes característicos da linguagem oral que tornam Blau Nunes um verdadeiro narrador.

A singularidade da forma que “*Contos Gauchescos*” assume é obra do esforço de Simões Lopes em reproduzir a narrativa através de um narrar original. Blau Nunes pretende ser crível, no entanto por várias vezes desconfiou da veracidade das coisas, e como um bom narrador, não abriu mão do mito para incrementar seus casos. Muito pelo contrário, o tom mítico da narrativa é constante, e a veracidade esvai-se sem importância, pois o foco, a intenção, não é informar o leitor/ouvinte, mas entretê-lo. A objetividade, embora alegada, pois a memória do narrador é prodigiosa, inexistente. O que Blau comunica é sua versão do visto ou do ouvido, não o fato em si, mas sua reprodução, impregnada de subjetividade, modelada por sua experiência, parcial e humana.

Simões Lopes cria o Narrador Blau, transforma a linguagem oral em linguagem escrita, dando os devidos tratamentos, mas preservando aspectos que possam tornar esse narrador em um verdadeiro narrador. Quando se lê é como se ouvisse, e o prazer maior encontra-se nesse aspecto. O talento de verter o oral para o escrito e reverter esse escrito em forma oral na reprodução literária fazem de Simões Lopes um autor singular dentro da literatura gaúcha. Para além de distinções entre o regionalismo, essa percepção e sensibilidade demarcam mais fortemente a escrita desse autor.

Considerações Finais

“Patrício, escute!”

A transformação da linguagem oral em linguagem escrita realizada por Simões Lopes Neto, mantendo na versão forma e conteúdo, é algo a ser destacado em sua obra.

É explícita a diferença entre uma e outra: enquanto a oralidade tende a ser caótica e mutável, tendo sua forma e seu conteúdo em constante reformulação, pois sempre submetida ao ganho de experiências por parte do sujeito, a escrita pretende a ordem e a estase, cristalizando aquilo que não era concreto e solidificando o pensamento. Como duas forças antagônicas e complementares, ordem e caos perpetuamente se fundem e criam a realidade perceptível do homem.

Em Simões Lopes Neto essa inter-relação se dá em via dupla, ou como uma retroalimentação, onde originalmente existe o oral (caótico), que é apreendido e filtrado pelo observador/ouvinte e transformado em escrito (ordenado), porém apresentando uma aproximação narrativa com o oral, tornando o leitor em leitor/ouvinte.

Os inúmeros narradores que serviram de base para a formulação da base compõem a personagem Blau Nunes. A sabedoria que eles detinham é a sabedoria metabolizada de Blau Nunes, é a experiência do vaqueano. Através dos olhos destes homens e mulheres Simões Lopes deu visão a Blau; por meio de seus ouvidos, Blau ouviu da boca da cadeia de gerações fórmulas para a relação homem/meio num ambiente em que se está completamente exposto às agruras do clima e da natureza.

Blau Nunes pode ser uma figura apologética do herói gaúcho, o bravo monarca das coxilhas ou o centauro dos pampas, mas também é o ícone do narrador, aquele que de bom grado oferece conselhos e transmite sabedoria, que torna a vida prática descomplicada, que não tem o refinamento dos cultos, mas que conta com a esperteza dos simples, que não tem a sofisticação dos nobres, mas que consegue obter satisfação das coisas que lhe são oferecidas. Homem de um mundo em mudança, luta para manter seu ponto de vista sobre o mundo vivo, e custa a compreender o porquê das mudanças. Sua vida ativa já passou; resta-lhe a contemplação. O que será do velho tapejara daqui para frente?

Sensibilidade e atenção guiaram o trabalho de Simões Lopes. Sua relação com a oralidade foi realmente sintonizada, pois soube perceber detalhes narrativos, particularidades da fala, e qualidades do bom narrador ao construir a personagem de “Contos Gauchescos”. Ouviu casos, tratou-os devidamente e verteu-os para o escrito da forma mais oral possível.

Teve o cuidado de fazer com que Blau se dispersasse, esquecesse, e ocasionalmente mentisse, para torná-lo aceitável enquanto narrador.

É dentro deste panorama de formação de um homem como tantos e como tão poucos dentro de nossa sociedade que Simões Lopes estrutura seu narrador. Como tantos, porque temos ao nosso redor, nos limites sociais, ou nos centros, conforme for o caso, os velhos, possuidores das chaves que abriram as portas do passado e oportunizaram a estruturação de nosso mundo; e como tão poucos devido ao papel que, ainda hoje, desempenham os nossos velhos, desprezados, postos fora do convívio social, ou tratados como incapazes, para os quais se deve fazer tudo. Esquecemos, em nosso frenesi contemporâneo, do velho narrador, daquilo que fez e construiu em seu tempo, do que viu e do que ouviu, e nos prendemos a valores descartáveis e reprodutíveis, acumuláveis e em constante superação. Deixamos para trás a construção do mundo pelo homem e toda a experiência que ele conseguiu reunir em sua vivência para observar extasiados o transe artificial a que somos submetidos pela sociedade contemporânea. O velho está morrendo sem poder falar ao jovem a fórmula da vida, seu conselho não consegue ser interpretado. Blau Nunes já não encontra mais o patricio.

Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, v.1)
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 13.ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Memória sertão*. São Paulo: Conesul, 1998.
- CANDAU, Joël. *Antropología de la memoria*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.
- LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos e lendas do sul*. 3.ed. Porto Alegre: Globo, 1965.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. 5.ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- MOREIRA, Maria Eunice. *Regionalismo e literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: ECT/ICP, 1982.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira: prosa de ficção: de 1870 a 1920*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1973.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.